Prólogo

Marcelo Sousa Brito

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BRITO, M.S. Prólogo. In: *O teatro que corre nas vias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2017, pp. 11-19. ISBN: 978-85-232-2001-3. <https://doi.org/10.7476/9788523220013.0002>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Prólogo

Paris, França, 4 de março de 2015: é precisamente em *Saint-Maurice*, periferia de Paris, que começo a escrever este livro. Antes de chegar aqui, alojado em um pequeno apartamento improvisado, mas cheio de charme, passei 15 dias hospedado na casa de amigos em *Villennes sur Seine*, uma pequena cidade na região metropolitana de Paris. Foram esses 15 dias, imerso no que podemos chamar de costumes franceses, dos quais aos poucos vou fazer uso aqui, que me prepararam para um distanciamento em relação a meu objeto de pesquisa. Foram esses 15 dias que me fizeram sentir a fenomenologia no meu processo.

É através da fenomenologia que eu me posiciono enquanto ser no mundo e me relaciono com ele, e é por isso que

tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3)

E é assim que eu continuo: relacionando-me com um novo mundo, um novo cotidiano como forma de reflexão do meu próprio mundo. O mundo que sou e o que quero construir como reflexão para os outros. Por isso, a fenomenologia se torna ciência-base dessa pesquisa como “tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é”. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 2)

Para situar o leitor e para avançar na aplicação dos conceitos que defenderei aqui, é preciso deixar de lado o passado e viver o presente, mas com o passado e o futuro aqui, caminhando juntos, um apoiando o outro. Idas e vindas no tempo e no espaço serão necessárias, já que no momento meu corpo está deslocado entre Salvador, lugar onde se dá a pesquisa, e Paris, lugar onde refleti o que foi realizado até então como processo metodológico.

E é o presente que tem balançado meu pensamento. É o meu discreto cotidiano francês que me dá régua e compasso para estruturá-lo. Foi o distanciamento tanto físico quanto espacial que me fez organizar os procedimentos de minha pesquisa.

Tudo que vivo aqui, através de minha percepção de mundo, faz-me retornar ao que foi feito em Salvador até este momento e me fornece subsídios para que, em um futuro próximo, quando retornar a Salvador, a aplicação do que chamarei de *metodologia experimental* seja realizada de forma mais consciente. Mais consciente porque, até então, tudo o que foi vivido como prática de pesquisa foi realizado de forma intuitiva como possibilidade de gerar surpresas e descobertas durante o percurso.

Agora, com uma considerável coleta de dados, tanto através de material gerado pelas entrevistas, mas também das vivências realizadas com os atores, posso, enfim, dar consistência a essa metodologia antes de voltar a experimentá-la fazendo uso das reflexões surgidas aqui. Para isso, é preciso voltar ao bom e velho costume francês de ser e de viver, o que também me faz retornar às minhas experiências, junto ao grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia (POSGEO/UFBA), coordenado pelo professor Angelo Serpa, lugar de construção coletiva de conhecimento que aglutina pesquisadores que apresentam, como ponto comum em seus projetos, temáticas ligadas à geografia humana e cultural, à arquitetura e ao urbanismo e à fenomenologia.

Durante nossas discussões sobre lugar e apropriação dos espaços públicos, o professor Serpa chegou à seguinte conclusão sobre a definição de lugar. Para ele:

Lugar é o espaço vivido em múltiplas escalas, mais ou menos local, mais ou menos global, mais ou menos regional, mais ou menos na-

cional. Quando o lugar se fecha no 'nós' e não se abre para o 'outro' torna-se invariavelmente território (fechado), o que inviabiliza o espaço público enquanto espaço de negociação/mediação. O território se degrada então em gueto. É aí que o 'nós' se torna perigoso para a constituição de espaços de mediação, de espaços de negociação. O espaço público se encolhe, desaparece. (SERPA, 2015)

Essa definição vai guiar a minha escolha pelo conceito de lugar, importante para a construção da definição dos conceitos de *lugar-cênico* e *corpo-lugar*, juntamente com outros autores da geografia e da fenomenologia e também com os meus entrevistados.

Essa discussão partiu de questionamentos meus e dos meus colegas de grupo de pesquisa. No meu caso, eu queria entender como minha prática com o teatro poderia fazer os artistas se relacionarem com o lugar, mas como espaço de negociação, de pertencimento, de troca, de afeição e mediação, sobretudo com quem vive o lugar. Então, lembrei-me de como as pessoas ocupam os parques na Europa; como os europeus transpõem o espaço privado para o público, ou vivem o privado no público, como expõem suas individualidades nos espaços de sociabilidade.

Em Paris, eu morava em frente ao *Bois de Vincennes*, onde eu ia frequentemente observar as pessoas, ou para ler um livro, tomar sol etc. O que me chamou a atenção foi o fato de que esse bosque é uma área verde enorme, vasta e profunda, com várias passagens além de vários espaços de convivência, com lago e equipamentos de esporte e lazer, mas, entretanto, as pessoas preferem ou se sentem melhor ficando escondidas, reclusas no meio do mato, solitárias, mas também em dupla, trios ou casais. E, quando você menos espera, percebe ali uma pessoa entre as árvores. Eu, ao contrário, mesmo que sozinho, preciso sempre de um lugar onde haja outras pessoas por perto. E talvez isso seja uma herança do medo que temos de ficar em lugares escondidos, separados e vulneráveis no Brasil.

Para eles, os franceses, isso é normal e seguro. Então, fui repetidas vezes nesse bosque para observar quem eram aquelas pessoas, seus modos de apropriação e como eles vivem esses espaços, como uma maneira de fazer refletir o que me faz me aproximar da cidade, o que me faz criar em função da cidade e seus lugares de encontro e sociabilidade, mas também ter consciência de que lugar eu falo e também que forma de apropriação e vivência do espaço públi-

co eu busco. Por isso, a importância de fazer dialogar teatro, geografia e fenomenologia. Lançando mão destas três áreas do conhecimento, pretendo, aqui, chegar às definições de dois conceitos – *corpo-lugar* e *lugar-cênico* –, para isso desenvolverei a categoria da práxis – *intervenção viária* – e apresentarei o termo – *teatricidade* – como essência do *corpo-lugar* e do *lugar-cênico* do e no mundo, mas também como possibilidade de trazer aos estudiosos da arte urbana uma alternativa à categoria “teatralidade”.

Também no grupo Espaço Livre, dedicamo-nos à leitura da obra *Passagens*, do autor alemão Walter Benjamin (2006), um esboço escrito como caderno de notas para no futuro se transformar em livro. O livro nunca foi escrito, mas o fato é que Benjamin tomou gosto pelo ato de descrever seu cotidiano e como ele via o desenrolar dos fatos na sociedade francesa daquela época, sem se esquecer de sua origem alemã. Era um alemão vivendo outra realidade, mas percebendo-a de forma intensa. Entre 1927 e 1930, Benjamin se dedicou a esses escritos que, só após sua morte, foram publicados, da maneira como o autor os havia deixado, em fragmentos, parábolas e passagens.

Em *Passagens* temos acesso a tudo que interessava ao autor quando se encontrava em processo de escrita, ou o que lhe interessava; o que lhe chamava atenção: para apurar os fatos, Benjamin consultava tudo, de dicionários a jornais, revistas e cartazes. Ele materializava no papel tudo que passava por sua cabeça como, por exemplo, não saber a diferença entre *passage* e *cité* em francês ou então a constatação de que na Paris de 1757 só existiam três cafés.

Isso é o que me interessa no momento e é isso também o que a França me fez tomar consciência. Como posso, a partir de minha vivência, de minha experiência de mundo, transformar conceitos em ação (e vice-versa), ou como passar do conceito ao método, ou como me apropriar de uma abstração (conceito) tornando-a operacional (método)? É isso que venho fazendo nos meus dias em Paris: refletindo meu próprio processo de criação a partir da observação e da percepção do outro em outro espaço-tempo, sim, tempo porque estamos quatro horas à frente do Brasil, por conta do fuso horário. E é o próprio Benjamin que me estimula a continuar:

Dizer algo sobre o próprio método da composição: como tudo o que estamos pensando durante um trabalho no qual estamos

imersos deve ser-lhe incorporado a qualquer preço. Seja pelo fato de que sua intensidade aí se manifesta, seja porque os pensamentos de antemão carregam consigo um *telos* em relação a esse trabalho. É o caso desse projeto, que deve caracterizar e preservar os intervalos da reflexão, os espaços entre as partes mais essenciais deste trabalho, voltadas com a máxima intensidade para fora. (BENJAMIN, 2006, p. 931)

Vejo que, ainda em Salvador, antes de estar em Paris, eu já buscava viver a França de um modo mais intenso. E é essa consciência que me faz deslocar meu corpo pelos lugares onde possa viver outras experiências de vida. Outros estados de presença. Então, não me privo de sair e conhecer os restaurantes da vizinhança, os cafés e bares. Matriculei-me em uma sala de esportes, vou ao supermercado, converso com meus vizinhos, vou ao teatro, aos museus, cinemas, compro revistas, vejo televisão, faço várias viagens de metrô, longos percursos, frequento seminários e passo pelo menos um dia por semana no Laboratório que me acolhe: o *Espace, Nature et Culture* (ENEC), na Universidade de Paris IV, *Sorbonne*.

No Laboratório, além de ler e escrever, eu observo como os meus colegas trabalham, como é o processo de criação de cada um, além de também trocarmos ideias sobre nossas pesquisas. Fora do Laboratório tenho encontros frequentes com a Professora Francine Barthe-Deloizy, que me incentiva e provoca quanto aos procedimentos que utilizo e que me aproximam da geografia. São esses encontros que me alimentam, me fazem digerir as ideias e continuar meu percurso.

O ir e vir pela cidade, relacionando-me com ela e com as pessoas, faz-me experimentar estados que me estimulam e me fazem produzir imagens que, aos poucos, vou materializando no papel.

Na obra *Ensaio de atuação*, Ferracini (2013) nos traz uma rica colaboração sobre o papel do corpo na atuação e em seus estados. O autor problematiza a valorização da experiência e dos estados de criação como forma de materialidade presente. E é nessa rede de relações, de deslocamento no tempo e no espaço, que vou construindo minhas próprias experiências de mundo. De acordo com Ferracini,

É dessa forma que o corpo contemporâneo somente pode ser experimentado na potência de um encontro que produza

diferenças: diferença do/no encontro; diferenças no/do corpo enquanto reestruturação de seu mapa de forças. Atuar enquanto materialidade do corpo é mergulhar o próprio material corporal (enquanto ossos, nervos, músculos, mas também enquanto ritmo, dinâmica na textura tempo-espço) nesse platô de invisibilidades, nesse fluxo 'energético' e fazer potencializar aí fluxos e novas linhas nas quais velhas forças possam encontrar canais de escoamento. (FERRACINI, 2013, p. 37)

Na busca por essas experiências de viver o corpo no mundo e me relacionando com ele é que me encontro em *Villennes sur Seine*, um dos lugares onde os franceses cansados da vida agitada de Paris escolhem para viver, ali não há nada a fazer. *Villennes* é uma cidade-dormitório. Isso quer dizer que os poucos habitantes¹ dessa cidade vão e voltam a Paris quase todos os dias. Todos habitam em uma boa casa e têm um carro. É difícil encontrar alguém na rua a não ser na estação de trem e nos três cafés com seus clientes *habitués*. Ao contrário dos parisienses que chegam a *Villennes* em busca de qualidade de vida, os habitantes que nasceram em *Villennes* e que mantêm o pequeno comércio da cidade sonham com Paris e com tudo que ela pode oferecer.

Reduzindo a escala espacial, centro-me agora na casa onde me hospedei. Uma bela casa na parte alta da cidade. Lá estou com um jovem casal de amigos. À medida que a escala vai reduzindo a experiência se torna mais intensa. Nesse lar, tive que rever meus conceitos, adaptar-me ao formato de vida deles e procurar entender o que vim buscar aqui: dias de silêncio, de pausas e reflexões. Idas e vindas do pensamento. Segundo Merleau-Ponty,

A reflexão não se retira do mundo em direção à unidade da consciência enquanto fundamento do mundo; ela toma distância para ver brotar as transcendências, ela distende os fios intencionais que nos ligam no mundo para fazê-los aparecer, ela só é consciência do mundo porque o revela como estranho e paradoxal. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 10)

1 Segundo o site oficial da cidade, Villennes sur Seine tem 5.220 habitantes em uma superfície de 5,08 km² e uma densidade populacional de 993,31 habitantes por km² estimados em 2010. Disponível em: <http://www.ville-villennes-sur-seine.fr/index.php/Lapopulation?idpage=38&afficheMenuContextuel=true>. Último acesso: 5 mar. 2015.

E aqui é importante transcender a própria consciência de mundo, para que, através do estranhamento, veja-me inserido nele. Nessa cadeia de idas e vindas, disponho-me a viver intensamente um novo cotidiano, refletindo o que de mim há nele e o que deste mundo vivido há em mim.

No início tudo me encantava: a educação, a gentileza, a delicadeza, as sutilezas no tratamento, a atenção. Para mim era difícil acompanhá-los, por mais educado e gentil que fosse. Tudo me parecia um ritual desde o acordar, acender a lareira, buscar madeira e sentar para observar o fogo. O chá e todas as suas possibilidades. A exigência não está somente na escolha do vinho, mas também do chá. A hora do aperitivo, do digestivo. Café da manhã, almoço, sobremesa e jantar. Aliás, a comida é um dos assuntos preferidos dos franceses. São horas em torno da mesa. Depois de me explicarem o que é cada prato, a origem, a forma de preparar, como se come, com que bebida cai melhor, o nome de cada prato, sinto-me perdido como um selvagem no meio da civilização e peço permissão para comer com as mãos. Para mim, era mais prático e seguro me virar com as mãos do que arriscar com utensílios que em nada se assemelhavam a talheres. E fico ali assistindo toda a técnica que é necessária para comer um *Plateau de fruits de mer* enquanto eles se divertem com minha naturalidade quase infantil.

Duas realidades são reveladas no ritual da comida. E isso se passa em todas as refeições do dia. Comer para mim é quase uma necessidade diária de sobrevivência. Preciso estar muito disposto para fazer do ato de comer um ritual.

Enquanto trocamos diferenças e particularidades, todo tipo de assunto pode ser tratado à mesa: divergências políticas, arte, moda, costumes e ciência, tudo com muita profundidade e atenção; mesmo quando o assunto é desconhecido, eles dedicam sua atenção e uma vontade de saber mais e mais. O francês é curioso por natureza. Curioso no sentido de querer saber. Mas, nesses encontros, o que de mais curioso vivi foi, durante um dos jantares que participei, meus amigos abordarem, na hora da sobremesa, o velório de um parente como assunto. Não que eu ache estranho falar da morte durante as refeições, mas sim a forma com que eles tratam a morte. Nesse caso o parente em questão ainda não havia morrido. Estava em estado grave esperando a morte. E eles, com toda naturalidade e senso prático, organizavam o velório que aconteceria nos próximos dias. Então cada um expunha seus motivos de estar ou não presente.

Na França, famílias mais tradicionais aguardam sete dias para que o corpo seja sepultado. São sete dias de luto. Sete dias durante os quais o corpo é velado e visitado. Mas a família em questão estava muito ocupada por esses dias, então eles organizaram uma agenda e solicitaram aos mais próximos que o velório acontecesse oito dias depois, precisamente em uma terça-feira, dia em que a maioria tinha como comparecer. Mesmo sendo práticos e objetivos durante essa discussão, pude observar vários estados e sensações vividas por eles: ódio, tristeza, rancor, ciúmes, indiferença, frieza. Sem querer, o morto acaba sendo não um corpo de um ente querido, mas sim um problema que, querendo ou não, precisa dos que estão vivos para se encarregarem de dar fim ao que restou dele.

E eu ali, tentando me tornar invisível, já que não podia fazer nada por eles além de me distanciar para que pudessem expurgar esse momento, mas também deixando minha imaginação livre diante daqueles acontecimentos. O momento real como estímulo para a imaginação, mas também como reflexão do mundo percebido, o que me aproxima, de acordo com Merleau-Ponty, da seguinte reflexão:

A cada momento, meu campo perceptivo é preenchido de reflexos, de estalidos, de impressões táteis fugazes que não posso ligar de maneira precisa ao contexto percebido e que, todavia, eu situo imediatamente no mundo, sem confundi-los nunca com minhas divagações. A cada instante também eu fantasio acerca de coisas, imagino objetos ou pessoas cuja presença aqui não é incompatível com o contexto, e todavia eles não se misturam ao mundo, eles estão adiante do mundo, no teatro do imaginário. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 6)

Mas, no dia seguinte, nossa escala espacial de convivência se reduz ainda mais fazendo com que eu retorne à realidade dos fatos. Nós viajamos para passar o final de semana em *Granville* na região da Normandia. Cinco pessoas e dois carros. O pai, a mãe – em um carro –, a filha, o marido da filha e eu² – em outro carro. Nessa viagem, tive a possibilidade de me distanciar também do

2 Como forma de preservar a identidade de meus amigos, usarei aqui essas definições sociais para identificá-los: o pai, a mãe, a filha e o marido da filha.

romantismo com o qual vinha tratando os costumes franceses representados aqui por essa família. O fato de passar três dias juntos começava a provocar outros estados de relação entre nós todos. O marido da filha não gostava do assunto do velório e também não gostava que ela fumasse. Isso criava uma tensão entre todos ali, principalmente entre os pais que pregavam a liberdade e criaram a filha com base no movimento feminista. E eu ali do lado com meus pensamentos fervilhando, todo o tempo me questionando o quê eu vim buscar na França.

E, em um golpe de fúria, o marido da filha deixa toda a polidez de lado e põe para fora todo o incômodo que ele sentia quando passava muitos dias junto à família de sua esposa. Ele ali, naquele momento, distanciava-se do rapaz prestativo, educado e sensível, para expor o homem sufocado pela nova família e por seus problemas.

Diante de tantas divergências, que até então não existiam com tanta intensidade, decidimos antecipar o retorno para casa e partimos, mas eis que, ainda na saída da cidade, o carro no qual estavam o marido da filha, a filha e eu apresentou um problema eletrônico e fomos avisados por um sinal de alerta que deveríamos parar ali mesmo. Resultado: ligamos para o pai e a mãe que estavam em outro carro e pedimos para nos recuperarem na estrada. Voltamos os cinco apertados em um único automóvel, cinco pessoas e as malas dos cinco passageiros. Três horas de viagem em silêncio, com respirações longas, profundas. Nesse momento, todos pensavam a mesma coisa: o que nos mantém juntos? Mas, como bons franceses que são, alguns quilômetros depois a diplomacia já estava instalada e todos os assuntos como o cigarro da filha, o velório do parente e o incômodo do marido da filha voltavam a ser abordados agora com mais frieza e tolerância. E a vida continua.

Qual a importância desses relatos? O que essas cenas descritas aqui têm de relevante para esta pesquisa? Para responder essas questões é preciso voltar um pouco no tempo, mais precisamente ao momento no qual tudo começou em Salvador. Com essa volta no tempo chego à origem de algumas questões que me fizeram investir na escrita desse livro como, por exemplo, a noção de que o artista, ao deslocar seu *corpo-lugar*, apropriando-se do espaço urbano através de *intervenções viárias*, pode produzir *lugares-cênicos* na cidade. E é a partir dessa reflexão que essa obra começa a ser construída.